

**Diz Ramalho Ortigão:**

"A língua pode dizer-se que foi camões quem a criou, tal como ainda hoje se escreve e se fala, disciplinando-a dobrando-a a todas as formas, tornando-a um dos mais poderosos e dos mais belos instrumentos das literaturas modernas." E acrescenta Schlegel: "Camões representa, por si só, uma literatura interna."

O próprio Jacob Burckhardt, o tridimensional ensaísta do Renascimento, se refere, com o maior respeito, à poemática lusa na pessoa do poeta Luís Vaz de Camões, em seus estudos sobre a cultura grega.

O mar é a terra firme da lira camoniana. pelos então tenebrosos caminhos do mar o poeta conduziu as suas charruas oceânicas, como sugere o escritor nordestino Nilo Pereira.

Assinala o grande camonista brasileiro, o escritor, o diplomata e parlamentar impar que foi Joaquim Nabuco, que no poema de Camões — encontrarei a alma da Renascença, purificada pelo hábito de seus cavaleiros medievais. E escreveu: "É o poema do heróismo, tanto quanto do amor; ..." E concluiu numa das suas três magníficas conferências pronunciadas nos Estados Unidos: "Ler os *Lusíadas* só poderia oferecer às mulheres um perigo: torná-las demais conscientes de seu poder." O episódio de Inês de Castro, cujo túmulo, ao lado do do seu Rei, visitamos com o Embaixador Dêrio de Castro Alves, em Alcobça, é uma das páginas mais tragicamente líricas da literatura universal. Camões é Shakespeare, Homero, Dante e Petrarca na força poética da palavra escrita:

"Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo o doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledoo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas  
Do teu Príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando os teus fermosos se apartavam,  
De noite em doces sonhos que mentiam,  
De dia em pensamentos que voavam;  
E quanto em fim cuidava, e quanto via,  
Eram tudo memórias de alegria..."

Não foi sem razão que estudou em Coimbra — a lusa Atenas do poeta Miguel Torga —, e que velejou com Vasco da Gama pelos mares "nunca dantes navegados". De Coimbra saíram Garrett, Antero de Quental, Eça de Queiroz, António Nobre, Afonso Costa.

"O mundo seria invisivelmente mais vazio e mais pobre se, além do *Hamlet* e do *Rei Lear*, dos *Lusíadas*, do *Werther* e do *Fausto*, nós não distinguíssemos os vultos luminosos de Shakespeare, Camões e Goethe." É o que nos ensina o grande estudioso de teoria da literatura, o Professor alemão Wolfgang Kayser que honrou a cátedra da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

No mar, na sedução do azul profundo do oceano, Camões, o navegador da poesia, assim se expressa na última estrofe do Canto Primeiro:

"No mar tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme, e se indigne o céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?"

A epopeia de um povo, de onde descendemos, tem em Luís Vaz de Camões o seu cantor maior. Por isso proclamou Nabuco, em conferência pronunciada a 10 de junho de 1880, por ocasião do terceiro centenário de Camões:

"A pátria, assim, senhores, é uma religião, um misticismo ardente: ocupa todo espaço destinado ao poder criador do espírito; é uma sorte de obsessão sublime, a hipertrofia de um sentimento heróico. Pois bem, os *Lusíadas* são o resultado dessa compreensão da pátria, que se apodera da imaginação toda

do artista, dando às suas criações a forma grandiosa do absoluto". E que fale o poeta:

"Esta é a ditosa pátria minha amada,  
A' qual se o céu me dá que eu sem perigo  
Torne com esta empresa já acabada,  
Acabe-se esta luz ali comigo."

Nestes quatro séculos que nos une à memória do poeta e rapsodo do povo lusitano, houve também os que detrataram de Camões como o escritor menor José Agostinho de Macedo, nos idos de 1881. Para esse anticamoniano, vale repetir aqui o que o escritor gaúcho Moisés Velinho disse a respeito de Machado de Assis: "Todo o mal e todo o bem já disseram dele. Só uma coisa nunca puderam fazer: esquecê-lo..."

Camões cantou... o peito ilustre lusitano / A quem Netuno e Marte obedeceram." E, como lembra Joaquim Nabuco, em uma de suas quatro conferências: "... aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da morte libertando..."

"Se vão da lei da morte libertando". Sim, a sua imagem projetada além dos séculos, que por ele estão passando como meteoros que iluminam a sua trajetória imortal, confirma a sentença do poeta. Da morte ele se libertou para a eternidade da emoção poética na memória dos homens.

Diante da gesta camoniana, que homenageamos neste planalto brasílico, vamos cantar, todos, fraternamente, com Fernando Pessoa, o velho tema dos navegadores antigos:

"Navegar é preciso;  
Viver não é preciso."

(Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — No momento em que a Nação portuguesa, pelo que tem de mais expressivo na sua vida cultural e política, comemora o IV Centenário da morte de Luís de Camões, o Brasil, que tanto se orgulha de ter as suas raízes fideadas na meiga terra portuguesa, não poderia deixar de estar presente. E acredito que não haveria maneira mais expressiva do que esta que acabamos de assistir, através da palavra dos representantes da Câmara Federal e do Senado da República, vale dizer, o que tem o Brasil de mais representativo da sua vida, da sua cultura, da sua universalidade. Isso significa que se Luís de Camões é universal na sua terra, a terra portuguesa, também o é no Brasil. Aqui se unem homens de todo o Brasil, do Acre até o Rio Grande do Sul, todos eles na mesma admiração e, poderia também dizer, no mesmo agradecimento ao maior poeta da língua portuguesa.

Disse Joaquim Nabuco, há pouco tão bem oportunamente lembrado nesta sessão, que uma geração educada em Camões é uma geração forte e heróica, e muitas foram as gerações, não somente portuguesas mas também brasileiras, que se educaram em Camões. Somos, assim, reconhecidos ao poeta pelo que ele fez pelo nosso caráter e pela nossa cultura. A Camões devemos muito. Nem sempre o amamos, nem sempre quisemos, nem sempre o compreendemos, mas, à medida que o tempo passa, acabamos convertidos à religião camoniana, à religião do épico, à religião do lírico, à religião do trágico. Realmente, maior poeta da nossa língua, é ele não apenas de Portugal, mas, também, do Brasil.

Poderia mesmo dizer, como afirmou um dos nossos poetas sobre a comunidade luso-brasileira, que onde começa o Brasil não acaba Portugal. Realmente assim é, e Camões, é a figura mais representativa, mais expressiva dessa comunidade a que nos é tão grato pertencer. Dela nos orgulhamos, e por isso aqui nos reunimos para ouvir e aplaudir as belas e eloquentes palavras proferidas, em nome da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, vale dizer em nome da Nação brasileira.

Antes de encerrar a sessão, quero agradecer ao Sr. Ministro da Comunicação Social de Portugal — Dr. Carlos de Souza Brito, ao Sr. Embaixador Menezes Rosa, ao Sr. Ministro Said Farah, que nos honram com a sua presença nesta sessão que, acredito, ficará nos Anais do Congresso Nacional como um marco de cultura, um marco de grande elevação para unir, cada vez mais, as duas pátrias — Brasil e Portugal. (Muito bem! Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16 horas e 30 minutos.)